

De poetas menores e de Ribeiro Couto*

Mário Hélio

RUI RIBEIRO COUTO. A maioria dos leitores acostumada aos grandes nomes do modernismo talvez não saiba quem ele é. Agora há uma boa oportunidade de reencontrá-lo na antologia *Melhores poemas*, selecionados e prefaciados por José Almino, que acaba de ser lançada pela editora Global.

A mostra dimensiona bem todas as grandes características de Couto, a começar daquela bem representada no poema que começa com os versos: "Minha poesia é toda mansa./ Não gesticulo, não me exalto...". O título *Surdina* serve bem para resumir uma poética que sobreviveu ilesa às histerias do modernismo.

O seu encanto é feito de gestos comedidos, quase de acalanto, como de uma simplicidade despreocupada. Não sendo a retórica da eloquência, é a da voz interior. Para além da metáfora do silêncio, que tanto seduziu os modernos, a começar de Mallarmé.

Mas não seria Couto moderno? Sim, o é. A sua figura é, na verdade, chave para entender o modernismo e suas ambiguidades, contradições, conflitos internos e harmonias imprevistas. Seja na convivência das igrejinhas literárias do Rio e São Paulo que o definiram – que não raro se faziam inimigos cordiais – seja na herança nem sempre assumida de elementos caros ao passadismo, que tanto atacaram, especialmente o simbolismo e o romantismo.

* Resenha de *Ribeiro Couto: melhores poemas*. Seleção de José Almino de Alencar. São Paulo: Global, 2002, publicada no *Diário de Pernambuco*, 5.11.2002.

Com o modernismo se definiu de modo mais claro uma espécie de colonialismo cultural interno que partindo de São Paulo e do Rio, alcançou com força, sobretudo, Minas.

Como se reeditasse em forma literária a política do café com leite. Se aí se incluírem as incursões de um Ascenso Ferreira (visto com uma mistura de entusiasmo e restrição pelos papas modernistas) tem-se a política literária do café com leite e cana-de-açúcar.

Até recentemente, numa imaginária bolsa de valores da literatura, nomes como Cecília Meireles, Tasso da Silveira e Ribeiro Couto, com suas evidentes ligações com o tradicionalismo de linguagem estavam em baixa cotação. Muitos historiadores e críticos fingiam não existir um vínculo do moderno com o passado. O fato de um dos primeiros ismos pronunciados pelos paulistas ter sido o futurismo diz muito de um movimento que era tão caótico quanto frágil em suas formulações teóricas. Mas o passado – inclusive aquele mais remoto do cancioneiro luso-brasileiro – sempre esteve ali rondando a excessiva confiança nos mitos do presente e do futuro.

Não é por acaso que um dos livros de Cecília Meireles se chama justamente Romanceiro, e que tenha como tema um episódio histórico. Muito menos a filiação deliberada de um poeta como João Cabral de Melo Neto à poesia medieval espanhola e também a sua valoração da história (até como pesquisador que foi nos arquivos de Sevilha). Como o autor de Morte e Vida Severina, ele também foi diplomata. Escreveu sobre os lugares onde andou (inclusive em francês), mas tal cosmopolitismo nunca o afastou certamente de um tipo de provincianismo espiritual de todo poeta cuja pátria permanente é a infância.

HOMEM DE PORTO - Couto nasceu numa cidade portuária – Santos – e deve ter aprendido cedo as suas lições de partir. Não por acaso tem um exílio intrínseco que o levou a escrever Cancioneiro do Ausente, Entre mar e rio, Longe, e outros similares em que estão presentes a geografia (também sobre o Recife escreveu), reconstruída com intimismo e evidente tom romântico. Que mais romântico do que alguém que nasce numa cidade de porto e escreve um livro a que batiza de Porto da Solidão? Lírico até o

cerne. Lírico tanto no sentido musical (de lira), quanto no mais corrente, de alguém que canta tudo a partir do próprio eu.

Confidências, ternura, melancolia, solidão, adeuses são algumas das palavras-matrizes que se encontram nos títulos dos livros de Ribeiro Couto. Ele é poeta de uma doce meditação sobre as coisas, como um cismar despreocupado e atento.

Ao ser reposto em circulação por um poeta coloquial-irônico da estirpe de José Almino tem-se quem sabe o melhor encontro para uma subjetividade também dada a ironias mansas, sem escândalos, sem ênfases nem inquietações. Um poeta que vive por dentro, mas para quem a vida exterior existe, o cotidiano humilde alcança aquele encantador estágio de transcendência tão bem expresso neste poema sobre Pouso Alto, lugar onde viveu, do mesmo modo que Manuel Bandeira, seu irmão em mitologia e na árdua vida de tuberculoso que quer vencer realisticamente a doença e não morrer como um herói romântico:

"Nem mais o rumor do córrego frio,/ Nem mais o cheiro do mato noturno./ Aonde foi a estrela que velava comigo,/ Perdidos os dois naquela hora morta,/ Entre as sombras mortas do casario?/ Era tarde, mas a qualquer porta/ Eu podia bater, chamar um amigo./// Se estivesse triste, tinha a quem falar;/ Se estivesse alegre, tinha a quem me dar./// Agora, nem mais o rumor do córrego frio,/ Nem mato cheiroso. Tão longe, enfim!/ Tão longe, e eu aqui, sem jeito, sem sono,/ Pensando na estrela que não pensa em mim."

Quem espera da poesia mais do que um prestidigitção ou malabarismo verbal, quem prefere a alegria simples de um verso bonito ou mesmo só um alívio breve para as suas penas ou o seu destino momentaneamente infeliz vai encontrar um lugar tranquilo e seguro em Ribeiro Couto. Longe do bulício urbano que tanto seduziu os modernistas e hoje não tem mais charme algum, exceto para as almas ainda nostálgicas de uma dose de morbidez. Aliás, sobre esse caráter espacial ao mesmo tempo de acolhimento e nicho (sobre o que escreveu tão bem Bachelard em sua Poética do Espaço), há um aspecto simbólico a relevar no nome que adotou o poeta, pois termina por significar

toda a sua poesia: se ribeiro dispensa explicações, deve-se lembrar que couto significa abrigo.

Como bem explica José Almino, "aos nossos olhos contemporâneos, a 'alegria anárquica' das vanguardas modernistas, o seu progressismo militante, nos parecem um tanto simplista e ingênuo. 'Quando as propostas de modernização se mostram esgotadas... o simbolismo do final do século (XIX), com a sua melancolia e uma certa visão trágica', torna-se mais atraente e (quem sabe?) até mais adequado às nossas perplexidades atuais."

ELIOT E BANDEIRA – Essa visão comprehensiva e próxima do organizador está expressa no texto *Fui poeta menor, perdoai*, que apresenta o volume. O título é tirado dos célebres versos de Manuel Bandeira, que se proclamou menor, como com justeza atenta Almino, mas com "uma dose grande de falsa humildade".

Que é poesia menor? T. S. Eliot, a quem Manuel Bandeira não apreciou bem como crítico, tem um ensaio a esse respeito. Numa crônica de 20 de outubro de 1957, Bandeira se refere ao livro em que justamente esse estudo está incluído, mas não se ocupa dele, e sim do comentário de Raymond de Mortimer a respeito. É leitura de segunda mão, mas – procedimento muito mais comum do que parece – o poeta, que resenha o artigo publicado no jornal *Times* parece endossar, mas sem maiores conclusões, pois, como diz o velho bardo, não formara nenhum juízo sobre Eliot prosador, "porque, tendo embora nas minhas estantes dois ou três volumes de ensaios do poeta dos Four Quartets, ainda não tive tempo para lê-los. Imaginava, porém, que ele fosse tão bom prosador quanto poeta". E o era, deveria dizer logo alguém, em seu auxílio. Eliot, no seu ensaio, deixa claro, desde o início, que não pretende definir poesia menor. "Penso que o método mais prático seria levar em consideração os vários tipos de antologias poéticas: porque uma das associações ligadas ao termo poesia menor significa que esta seja 'o tipo de poesia que apenas se lê em antologia'. E por falar nisso, alegro-me com a oportunidade de dizer algo acerca da utilização de antologias, porque, se entendermos as maneiras como são utilizadas, também poderemos nos

defender contra os perigos destas utilizações – pois há amantes da poesia que podem ser denominados viciados em antologias, e não conseguem ler poesia de outro modo. Claro está que o valor primordial das antologias, como de toda poesia, está em serem capazes de dar prazer; mas, além disso, deveriam servir a vários outros propósitos."

Depois de discorrer largamente sobre antologias – a ponto de o leitor, ou, no seu caso, o ouvinte pensar que se desviou do assunto – Eliot volta a falar de poesia menor. E para confirmar uma espécie de definição, mesmo que indireta: "podemos considerar poetas menores os que só lemos em antologias." E adiante mais outra, que surpreenderia aqueles que vissem no termo menor sinônimo para autores que escrevem poemas curtos. Ao contrário, menores seriam aqueles cuja reputação se devesse a poemas muito longos, ou, como diz de modo menos suave Eliot, "grandes poetas fracassados".

A metodologia de exemplos de Eliot é útil só até certo ponto aos leitores brasileiros, pois traz diversos autores que a maioria certamente nunca leu ou nunca ouviu falar. Mas sobre todos pairam algumas afirmações sobre menor e maior que, mesmo tendo se tornado mais ou menos lugares-comuns, são úteis ainda hoje em dia. O tema é certamente amplo e até polêmico, mas existe uma espécie de consenso quanto a incluir na grande família dos menores aqueles poetas a quem a história relega a um confortável lugar no jardim, mas que não ressurgem imperiais e gloriosos. São conhecidos por um ou outro poema, mas exercem pouca influência. Além, é claro, daquela definição que trata do poeta menor como alguém incapaz dos altos temas e de grande fôlego, onde o próprio Bandeira se incluía, por não saber fazer "versos de guerra", ou seja, por se sentir incapaz do épico. Todas essas definições, embora atraentes, são precárias, porque incompletas. Melhor e mais abrangente é o que diz Eliot sobre a apreciação da poesia:

Na verdade, sentir-me-ia inclinado a duvidar da veracidade do amor à poesia de qualquer leitor que não tivesse uma ou mais dessas afeições pessoais pela obra de algum poeta sem grande importância histórica: suspeitaria que a pessoa que apenas gostasse de poetas que os livros de História concordam ser mais importante não passaria,

provavelmente, de um estudante consciencioso, que contribui com muito pouco de si na sua apreciação.

No conciso e bom estudo introdutório à antologia de Ribeiro Couto, José Almino contribui não só para compreender aquele poeta menor em si, mas deixa pistas a quem quiser percorrê-las, para iniciar um estudo, cada vez mais necessário, fora das repetições de sempre, sobre o modernismo, e os seus poetas menores. No caso de Couto, ele é fundamental numa ainda não escrita biografia de Manuel Bandeira, que o definiu numa quadrinha do seu *Mafuá do Malungo*: "Não é ruim, não é do Couto,/ É Rui, mas não é Barbosa:/ É, sim, Rui Ribeiro Couto,/ Mestre do verso e da prosa."

A referência à prosa é porque Ribeiro Couto também foi autor de romances e contos (premiados, inclusive). Enquanto não chega o tempo de revisitar também as suas histórias, que se revisite a sua poesia, que terá decerto admiradores secretos e fiéis, como aquele personagem de uma das crônicas de Bandeira (com menos fatalidade, espera-se):

Conheci nos bares da Galeria Cruzeiro um boêmio que tinha muita admiração pelos livros de Ribeiro Couto. Quando um dia lhe revelei que era amigo íntimo do poeta, ficou contente como uma criança. E pediu-me que lhe arranjasse um livro com dedicatória do Couto. Couto mandou o livro com a dedicatória, mas na distribuição de outros exemplares houve uma troca e o meu boêmio ficou com o volume sem o autógrafo. Tempos depois Couto veio ao Rio. Uma noite estávamos no Lamas quando vi ao fundo o rapaz. Ele se dirigia para o nosso lado. Quis apresentá-lo ao Couto. Porém este não se sentia disposto para o encontro naquela ocasião. O boêmio passou por nós sem nos ver. Não há nisso nada de extraordinário. Mas quando o rapaz passou e eu olhei-o pelas costas, que foi que me fez ficar longo tempo a segui-lo com os olhos? Era um rapaz forte, brigador valente. No entanto naquele instante senti nele qualquer coisa de para lá da vida. De fato morreu um mês depois.